





**Tapa na Pantera**  
*na Íntegra*



**Maria Alice Vergueiro**

**Tapa na Pantera**  
*na Íntegra*



© *Maria Alice Vergueiro*

Depoimentos a *Guy Corrêa*

Edição final: *Maria Alice Vergueiro*

Projeto editorial e gráfico: *Alonso Alvarez*

Foto da capa: *Fábio Furtado*

Revisão: *Silvana Seffrin*

Ilustração da folha de rosto:

*Isto continua a não ser um cachimbo* – Magritte (1956)

Agradecimentos aos amigos:

*Christiane Tricerri, Fábio Furtado, Heron Coelho,*

*Bruno Vergueiro e Luciano Chirolli*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vergueiro, Maria Alice

Tapa na pantera na íntegra / Maria Alice Vergueiro. - São Paulo : Ficções Editora, 2008.

ISBN: 978-85-908718-0-4

1. Atrizes - Brasil - Autobiografia 2. Internet - Videos - Brasil 3. Tapa na pantera (Filme) 4. Vergueiro, Maria Alice I. Título.

08-09221 CDD-792.028092

Índices para catálogo sistemático:

1. Atrizes Brasileiras : Autobiografia 792.028092

2008

Direitos de publicação reservados à:

**FICÇÕES EDITORA LTDA.**

rua Corrêa Galvão, 57

01547-010 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 5084-4094

www.ficcoes.com.br

editora@ficcoes.com.br

*Para meus netinhos:*  
*José Francisco*  
*Maria Isabel*  
*Marina*  
*e Gabriela*



## SUMÁRIO

17

*A substância proibida*

37

*Origens da Pantera*

47

*Barra pesada*

71

*Na TV*

85

*A cura*

99

*Visões da Pantera*

105

*Breve biografia*

109

*Índice das fotos*



“Primeiro nós vivemos nossa juventude,  
em seguida nossa juventude vive em nós.”

*Lou Andreas-Salomé*



Tapa na Pantera na Íntegra







## A SUBSTÂNCIA PROIBIDA

*Claro que eu não faço apologia da maconha. Acho que quem quiser fuma. Quem não quiser, não fuma. Você quer? Claro, eu fumo no cachimbo porque o que faz mal é o papelzinho. Então dá um “tapa na pantera”, como a gente chama... Dá um “tapa na pantera”... Porque tá tudo quieto assim, a pantera tá quieta, de repente dá um tapa na pantera! Pá na pantera! E a pantera começa realmente a perceber coisas que o chamado mundo real não percebe. Agora, dizem, meu Deus do céu... Dizem que afeta a memória! Você começa num assunto e acaba no outro. De vez em quando me dá um branco, assim. Você fica... De repente você fica... Tem assim... Uma coisa de... Você vai, entende? Você vai! Depois se pergunta a si mesmo: “– Pra onde eu fui?” Hahahahahahaha!!!... Eu sinto que minha memória anda meio esquisita. Eu quero lembrar uma palavra e esqueço. De repente esqueço onde eu estou. Um dia desses eu esqueci meu nome. Me chamavam: “– Helena!” Eu olhava... “Será que sou eu?” Aí peguei e tirei a carteira de identidade... Ah! E me reconheci... “Maria Alice”. Daí eu fui ao médico, é*

*claro! E o médico, imagine que ele começou a tomar nota e disse: “– Desde quando a senhora tá sentindo isso, dona?” Falei, “Isso o quê, doutor?” Saí de lá sem saber o que era “isso”. Depois dizem que maconha vicia... Eu fumo há trinta anos, todos os dias. Todos os dias, não pulo nenhum, e não tô viciada! Agora, pintou um chá... Um chá, que dizem na classe teatral. Corre um nome de um chá que aviva a memória. Esqueci o nome do chá... É uma florzinha que tem uma porção de pétalas branquinhas... Ela é... Amarelinha... “Margarida!” “– Margarida, você pode ver pra mim um chá, meu bem, faça o favor?” Fuma aqui e toma um chá. Fuma aqui e toma um chá. Fuma aqui e toma um chá. E fica numa boa... Às vezes até dança: – Fuma aqui e toma um chá. Fuma aqui e toma um chá. Fuma aqui e toma um chá... Agora tem uma coisa que é muito engraçada... Sempre é... Todas as vezes que eu fumo... portanto, todos os dias da minha vida... eu dou risada. Quer dizer, eu sou uma pessoa feliz. Hahahahahahaha!!! A risada é, sem dúvida, o grande radar. Agora muitas vezes pergunto: – Será a erva que me faz feliz ou eu já tinha uma tendência pra felicidade?*

Nessa altura, aos 73 anos, eu sinto o ciclo e uma certa recompensa. Agora me entendo. Penso: “Olha, foi por isso que eu fiz aquilo...” Isso não é uma coisa de ter orgulho de si no sentido pejorativo. A gente começa a ter confiança. Passa a enxergar que a utopia é algo possível de se realizar. É importante chegar a minha idade com saúde. O problema que eu tenho

nos joelhos não é uma questão de saúde, nem nada. Porque nem dor eu tenho. A artrose apenas dificulta que eu caminhe com desenvoltura. Também tenho Parkinson...

Por mais quanto tempo darei para o gasto?

Mas saúde é lucidez. Porém já não penso na Copa de 2014. Queria muito ser convidada agora por uma garotada para fazer um *On the road* com eles... Meu espírito pede isso. Mas meu corpo não agüentaria. Por isso eu digo: em algum lugar estou velha. A morte está por aí. Dia desses pensei em minha própria morte. Imaginei algo como morrer vítima de uma bala perdida. Algo assim repentino, sem lamúrias, no meio da rua, atrapalhando o trânsito. Uma bela despedida.

Queira Deus que Santo Antonio me reserve uma santa bala perdida.

Talvez o curta *Tápa na pantera* seja uma marco porque deixei um pouco de ser discípula. Mas nunca vou deixar de aprender. Porém agora me sinto à vontade em dizer:

“– Eu também sei, já tenho o que falar.”

Os artistas tendem a intuir o futuro, deixam o inconsciente livre, permitem o vir-a-ser. Isso me torna



“– Essa moçada é organizada. Eles não fumam.”

Dos três (Esmir Filho, Rafael Gomes e Mariana Bastos), eu só conhecia o Rafael, que é sobrinho da minha nora. Quando ele tinha 14 anos, me viu no palco e disse que ficou ligado. Eles estavam fazendo o filme de conclusão do curso de cinema da FAAP. Os jovens que me procuram buscam sempre uma certa sinceridade. Não aparecem para fumar, procuram fugir da hipocrisia.

O *Tapa na pantera* saiu de um momento em que estávamos descontraídos, conversando.

Tínhamos acabado de tomar sorvete. A câmera estava ligada... E saiu. Mas o resultado final se deve à edição. Eu fiquei impressionada e pedi pra fazer um DVD.

Foi uma brincadeira que deu certo.

O texto do filme é um apanhado de piadas antigas, conceitualmente (re)significadas. Era assim: “Eu bebo há 30 anos e não estou viciado.” No filme, só troquei o vício.

Eu comecei a ver também esse fenômeno da comunicação. O McLuhan tem razão: o meio é a mensagem.

O YouTube passou a ser um novo cinema. Antes a gente só assistia ali imagens de festinha de crianças, vídeos caseiros. Na internet, a mensagem soa de forma inesperada, íntima e democrática ao mesmo tempo, permitindo uma espontaneidade impossível em outros veículos de comunicação.

O sucesso se deu por causa da dúvida, se aquilo era de verdade ou não. Porque aquele espaço foi invadido por uma atriz.

Depois de *Tapa na pantera* surgiu essa fama... Após cinco décadas de teatro, foi como se meu passado não existisse.

De repente meu anonimato se fez notícia.

O peso de meus 70 anos começou a desaparecer. Observo a internet como uma forma de rejuvenescimento. Estou gostando muito dessa experiência. Ela me deu uma nova dimensão nas relações. Virei uma adolescente.

O que é a família hoje?

Meu filho achou o *Tapa na pantera* muito engraçado. Ele até me mostrou uma música que fizeram para mim que diz que eu fui para a cama com o Elvis

Presley. Gostou muito. Considerou que houve um encontro entre artistas. A música diz assim:

**Tapa na pantera (Manera, mamãe)**

Banda Os Seminovos

*Minha mãe já fez 70,  
Mas ela é do rock...  
Morou com os Mutantes  
Esteve em Woodstock  
Foi pra cama com Elvis...  
Batizou o U2  
Pegou com a Rita Lee  
Uns cogumelos de zebu...*

*Mas foi só agora, senhora de idade.  
Que ela conseguiu se tornar celebridade!  
Pra mim é um puta mico!  
Imagine a vergonha:  
Ver minha mãe no YouTube falando de maconha!*

Refrão

*Manera! Manera, mamãe! Manera!  
Você já passou da idade de dar tapa na pantera!  
O Rei quem deu pra ela o cachimbo esquisito  
Os óculos escuros, foi o Raulzito*

*E quando o Tim Maia faltava a um compromisso...  
Com certeza a velha tinha algo a ver com isso...  
A história da sua vida deveria ser contada  
Mas ela não se lembra de mais nada! (Tá lesada!)  
Pra mim é um puta mico!  
Você acha engraçado  
Porque não é sua mãe defendendo o baseado!*

Refrão

*E o solo...  
Fuma ali, toma um chá...  
Fuma ali, toma um chá...  
Mamãe, dá um tempo, desse jeito você vai se acabar!*

Já minha filha teve uma reação bem diferente. Disse que eu parecia uma bêbada. Ela não gosta do filme até hoje.

Na escola da minha netinha, seus amiguinhos não acreditavam que eu fosse sua avó. Aliás, ela chegou pro meu filho, pai dela, e disse: “*Papai, a vovó é muito, muito sem noção...*” Minha neta mais velha, a Maria Isabel, tem 23 anos. Ela contou que não chegou a ficar constrangida com o filme. Diz que sou brilhante, por isso aplaudiu bastante e deu muuuuita risada! Hahahahahahaha! E ela ainda teve a lucidez de observar que o *Tapa na pantera* teve duas funções importantes para a sociedade: tratou do tema da maconha sem hipocrisia, além de

me apresentar para as gerações mais jovens, que não me conheciam. Até então apenas alguns pais de colegas dela sabiam quem eu era. Ela gostou de me ver num meio tão moderno como o YouTube. Na verdade, meus netos não me conheciam como atriz. Quando o *Tapa na pantera* estourou, eles me procuraram para saber se eu fumava mesmo ou se estava atuando. Fiquei muito feliz por eles terem me descoberto como uma atriz espontânea.

O teatro não me deu dinheiro.

Vivo num amplo apartamento em Higienópolis (São Paulo), fruto de herança familiar, com minha mãe de 95 anos. Sobrevivo graças à pensão de meu falecido pai, que era promotor público. Quando ela se for, o Estado interromperá o pagamento. Mas não fico pensando nisso. Já vendi grande parte das jóias da minha família. Preciso sempre reforçar meu caixa. O *Tapa na pantera* me deu dinheiro indiretamente. No YouTube, foram mais de 5 milhões de acessos. O filme foi até legendado. Recebemos consulta para exibi-lo em festivais na França. No meio desse sucesso, fui chamada para fazer uma propaganda no YouTube de um filme do Daniel Filho. A história é sobre netas que drogam a avó, vivida pela Laura Cardoso.

Trata-se de uma comédia em que a gente não ri.

Não tem nada pior do que isso em se tratando de comédia... Eu tive dificuldade para aceitar esse trabalho por não encontrar minha função nessa campanha. Fui escolhida por ser avó e por estar identificada com a mancha. Eles queriam que eu fizesse uma personagem que dialogasse com a da Laura Cardoso. Mas a imagem dela era de alguém espezinhada e ridicularizada, passiva à manipulação das netas.

Assisti ao filme e achei uma merda.

Aliás, depois do sucesso do *Tapa na pantera*, minha sala virou um set de filmagem! Por causa disso ganhei uns trocos. Ainda no meu set, filmei um comercial para a Pirelli. Quando me telefonaram para fazer o convite, disseram que havia um texto pronto. Só que eu mexi um pouco nele. O comercial foi também para o YouTube.

Por trás desses dois trabalhos, que atraiu o pessoal para o meu terreiro, havia o sabor picante da própria Pantera. Minha personagem foi utilizada para que eles pudessem mensurar a força da internet.

Agora sou também, além de diva do *underground*, uma estrela da internet. Eu acho esse meio, o YouTube, uma coisa fantástica. O que cai ali, nem o Roberto Carlos segura! Aliás, ele tomou uma posição supercareta, proibindo sua biografia. Ele não descobriu que já é um homem público. Não

sacou que, justamente por ser uma celebridade, deve abrir suas comportas. O Roberto ficou preocupado com os segredinhos... Essas coisas das nossas vidinhas privadas...

Por trás desse sucesso do *Tapa na pantera*, há até um aspecto didático de conscientizar as pessoas – e a mim mesma – da realidade e do poder da internet. Veja o que está acontecendo agora... Até o Gilberto Gil disponibilizou na internet toda a sua obra. Ele não deixa de vender seus CDs e DVDs, mas ao mesmo tempo não fica esperando que os mais pobres possam ter dinheiro para ter contato com a obra dele. Vejo que, no fundo, esse negócio de autoria tem mais a ver com autoridade.

No meu caso, rolaram várias imitações do *Tapa na pantera* na internet, fizeram também músicas sobre a Pantera... Achei tudo magnífico, engraçadíssimo.

Penso que isso deva acontecer mesmo porque assim a gente passa a palavra.

O importante é a gente “contaminar” todo mundo, promover a vontade de fazer e participar. Certas coisas não podem ter exclusividade.

Eu, que nem tinha computador, acabei vendendo algumas jóias de família para comprar um.

Tive aulas de informática. Fui convidada para ser cronista do mês do site da revista *Bravo*, fiz meu próprio blog, auxiliada pelo meu amigo Heron Coelho que, diretor musical, produziu meu primeiro CD, *O lírio do inferno*, no qual pude cantar todo um repertório de Brecht (com músicas de Weill, Eisler, Dessau, Hossala), material até então disperso em meus arquivos de gravações caseiras e partituras, agora organizado e registrado num CD acessível gratuitamente em meu blog. E também criei um perfil no Orkut, diante de tantas comunidades que apareceram sobre o *Tapa na pantera*.

Parece que tem muita gente por lá querendo ser meu amigo. Envio e-mails, entro no blog, escrevo alguns textos, fotos e publico coisas simples. Estou adorando tudo isso.

Agora tenho bem mais de 1 milhão de netinhos que podem me defender, caso alguém queira me algemar e prender em uma jaula.

Não agüento mais tanta mentira. Eu até minto, mas não tenho mais tempo para praticar hipocrisias. É engraçado que várias revistas não sabem como dar a notícia... Dizem que sou uma atriz que veio do Teatro Oficina e citam o *Tapa na pantera* como fenômeno do YouTube.

Muita gente não percebeu o que há de mais

subversivo nesse filme. Dia desses surgiu uma pergunta anônima num chat, quando eu estava dando uma entrevista. Perguntaram-me se eu não me sentia culpada por estar iniciando adolescentes. Imaginei que fosse um avô de “radar desligado”.

Por trás do filme *Tapa na pantera*, está a felicidade. É a risada e não o discurso.

Se você está feliz, almeja ver a felicidade no outro. Não há nenhuma apologia à droga. O que existe é algo que extrapola o cômico, há um certo cinismo, uma certa ironia dialética. Tratamos do tema sem leviandade, à margem do tom grave dos professores da USP. O grande problema é ter o comércio disso: vender, traficar... Até porque, quando isso acontece, o fumo vem ruim, malhado.

O ideal seria a gente ter uma hortinha.  
Hahahahahahaha!!!

Vejo que estamos passando por um momento em que tudo deva ser dito, chega de falar por metáforas! É fundamental tomar posições. Eu não acredito que seja possível ser completamente neutro. Não dá para ser neutro nem num documentário nem numa reportagem. Qualquer pessoa que faça arte não está

neutra. Vi a foto de uma fotógrafa que mostra um soldado americano dentro de uma trincheira. Via-se ali uma pessoa que não queria saber mais da vida. Essa imagem é uma tese.

Um exemplo de tomada de posição é o longa *Tropa de elite*, que foi premiado em Berlim. Percebi que o filme acabou deixando uma mensagem subliminar que aponta o usuário como o culpado pela violência do tráfico.

Acho isso bem careta.

O buraco está muito mais embaixo. Fazendo uma comparação exagerada: é como se fosse necessário estancar o mar para acabar com os afogamentos. Se alguns defendem que o usuário é o culpado, só posso dizer que estou... ocupada! Hahahahahahaha!

Eu penso que devemos discutir a descriminalização das drogas. Porém, todos sabem que, no caso das drogas, há uma grande indústria por trás que também tem a ver com o mercado de armamentos. É um mundo de dragões. Enquanto uma senhora de Higienópolis como eu ficar propondo isoladamente a descriminalização, isso não faz a menor importância. Porém, se isso virar a bandeira de um presidente, ele vai ter que ser vigiado 24 horas por dia.

No caso do cigarro, a sociedade tratou de adotar uma política de bom senso para lidar com os fumantes. Não dá mais para ficar construindo prisões cada vez maiores

quando a gente sabe que alguns países vivem do tráfico. Não adianta mais querer tapar o sol com a peneira. Nessa dinâmica, a humanidade é capaz de se destruir. O império romano, entre tantos outros, caiu. Na época, eles eram o universo.

Noto que essa geração mais jovem está mais familiarizada com o mundo das drogas. Para eles já não há muita surpresa quando surge esse assunto, acabam reagindo de uma forma mais lúdica do que moralista. Sob um certo aspecto, estão mais amadurecidos. Se o *Tapa na pantera* tivesse aparecido alguns anos antes, talvez teria causado alguma confusão.

No filme, o humor soou mais alto do que uma suposta mensagem de apologia às drogas.

Por isso é fundamental acabar com a censura. É uma bobagem decretar o que é permitido e proibido uma criança ver. O importante é conseguir formar um juízo e dar exemplos. As crianças devem ver tudo. Pode-se experimentar todas as drogas, inclusive as comercializadas pelas farmácias, agora a opção pelo vício se instala, sem dúvida, na fragilidade da auto-estima.

Quando me vejo no YouTube, me reconheço como uma atriz brechtiana.

Brecht defende justamente que sejamos nós mesmos através de nossa personagem. Quando fui ao programa “Provoações”, na TV Cultura, o Abujamra me perguntou se eu fumava mesmo maconha.

Respondi que fumava todos os dias  
havia 30 anos.

Ele retrucou, pedindo para eu responder, e não a personagem. E eu repeti a mesma resposta. Essas coisas revolucionam o papel do ator. A Maria Alice sempre chega primeiro.

Há pouco tempo a polícia flagrou um galã da TV que estava junto com um traficante num flat. Esse era o momento dele dizer alguma coisa. Ele estava escalado para fazer uma novela e pediu para sair. Pô, mas o que ele quer? Quer voltar à Globo para ganhar uns trocos? Vai ficar fingindo como outros, que dizem que foram se curar. A rapaziada puxa um fumo às escondidas, mas aparecem na mídia como atores globais bem-comportados. E tem que ficar quietinho, senão vira traidor. Tanta gente quer trabalhar na Globo...

A questão não é sair por aí dizendo se é contra ou a favor das drogas. Ninguém precisa ficar com a cabeça a prêmio. Basta apenas se posicionar diante dessa hipocrisia, desse poder. Acho que é importante dar mais abertura para essa questão. O sistema é o pior gerador

de dependências, essa é a verdade.

Um artista deve ter contato com seu inconsciente, que suscita uma busca pelo prazer, pelo bem-estar, à procura do hedonismo, da satisfação de sua libido. Só que, muitas vezes, ele é brechado pela razão, pela consciência. O inconsciente não é uma entidade que baixa na gente. Não se trata de um momento de loucura, de transe... Não é isso. O inconsciente, quando se junta com a razão, pode ajudar as pessoas a se realizarem melhor.

Eu poderia viver como uma esquizofrênica.  
Mas prefiro viver como uma atriz.

Tenho noção que esse contato com o inconsciente também pode nos aproximar da loucura. Isso ocorre quando há perda de coerência em relação ao mundo maior. A consciência não é só cerebral. Muita gente faz uma divisão entre o mundo do intelecto e o dos sentidos. Vejo, por exemplo, que a gente pode tomar consciência de si mesmo através de um perfume. Pois ao sentir um dado perfume, podemos nos remeter aos bons momentos daquele odor. No caso de um artista, ele pode até criar a partir de uma situação como essa. Isso é uma tomada de consciência, por outra via.

Nunca fui uma atriz do Teatro Municipal. Meu público sempre me seguiu pelos palcos da cidade.

Sempre gostei dos porões.

Por causa do *Tapa na pantera*, fui parar no clube A Lôca, no fim de 2006, onde fiz minha volta ao *underground*. Fiquei ali por duas horas, conversando com as pessoas. Esse clube me fez lembrar de outro, o Madame Satã, que ficou famoso nos anos 80. Nessa casa fiz uma performance com a Magali Biff, há anos, sob direção de Luiz Roberto Galízia. Era assim: depois de travarmos um confronto corporal, íamos parar numa banheira aos beijos. Fiquei muito feliz por “me visitar”.



